



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio de Janeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Curso de Terapia Ocupacional

Arthur Gomes Leite da Silva

**O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DE UMA
OFICINA DE GERAÇÃO DE RENDA EM CAPS III
NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

IFRJ- CAMPUS REALENGO

2020

ARTHUR GOMES LEITE DA SILVA

**O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DE UMA OFICINA DE GERAÇÃO
DE RENDA EM CAPS III NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional, no Instituto Federal do Rio de Janeiro- IFRJ, Campus Realengo.

Orientadora: Prof^ª. Mestre Ana Maria Quintela Maia

IFRJ – CAMPUS REALENGO

2º SEMESTRE/2020

ARTHUR GOMES LEITE DA SILVA

**O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DE UMA OFICINA DE GERAÇÃO
DE RENDA EM CAPS III NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Terapia
Ocupacional, no Instituto Federal do Rio de
Janeiro- IFRJ, Campus Realengo.

Data de aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora

Cláudia Christina Guedes (membra examinadora)

Terapeuta Ocupacional - SMS/RJ

Profª Mestre Mariana Morette Pan (membra examinadora)

IFRJ

Profª Doutora Roberta Pereira Furtado da Rosa (membra examinadora)

IFRJ

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha família, que em todos os momentos acreditaram em mim e me incentivaram a seguir meus sonhos, me fortalecendo nos momentos de dificuldade.

Agradeço imensamente a minha arteterapeuta Débora Lucas, que me acompanhou durante boa parte da trajetória na faculdade, e para além de todo o meu processo de construção individual como ser humano, trouxe debates de extrema importância sobre Jung, Nise da Silveira, entre outras bibliografias, que hoje norteiam a minha prática.

Sou extremamente grato à minha futura colega de profissão Valéria Nascimento, que foi minha diretora no CAPS no qual trabalhei por quase 3 anos como oficinairo e em todo período esteve presente de corpo e coração me ensinando o que é a saúde mental na prática, tendo grande importância na minha compreensão sobre a Terapia Ocupacional de forma humanizada e sensível, me ensinando o real significado de trabalhar com amor.

Ao meu melhor amigo Raphael Oliveira, que com seu conhecimento nas áreas de designer gráfico me auxiliou na construção de cartilhas durante a faculdade, e nos momentos de dificuldades e excessos de trabalho teve uma palavra de paz, desde a entrada até o fim da faculdade compartilhando os mesmos sonhos que os meus.

À minha orientadora Ana Maria Quintela, que nos meus momentos de ansiedade de confusão com muita calma e paciência me ajudou a encontrar um caminho para uma escrita prazerosa e tranquila.

Agradeço também à todos os supervisores que tive ao longo dos diversos estágios que fiz ao longo da graduação, agradecendo especialmente a Claudia Guedes, que com todo seu conhecimento e sensibilidade, me transmitiu muito do que é ser terapeuta ocupacional e não poupou esforços em me incluir em palestras e atividades extracurriculares para enriquecer minha formação.

Por fim, meu agradecimento a todos os professores do IFRJ que se mostraram completamente disponíveis a transmitir conhecimento e aos avaliadores da banca, por comporem um dos momentos mais importantes na conclusão da minha graduação.

RESUMO

A reforma psiquiátrica no Brasil, que eclodiu no final da década de 70, teve um importante papel na mudança do modelo de assistência psiquiátrica vigente, cujo enfoque, baseado na legislação de 1934, era predominantemente o asilamento e a internação do doente mental. Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), dispositivos de natureza territorial e comunitária, surgem a partir do movimento de reforma psiquiátrica na tentativa de substituir o modelo hospitalocêntrico. Os CAPS III, uma das suas diferentes modalidades, trabalham com uma equipe mínima de 16 profissionais com instrução entre nível médio e superior, equipe noturna e de final de semana, contando com funcionamento 24 horas, oferecendo serviço de acolhimento noturno, curtos e temporários quando necessário. Visa oferecer acompanhamento terapêutico através de atividades grupais e/ou individuais de socialização, geração de renda, artísticas e expressivas, buscando o resgate da cidadania e a reinserção social do sujeito em sofrimento mental. As oficinas de geração de trabalho e renda na área da saúde mental surgem como instrumentos para inclusão social, incorporando princípios e valores da Economia Solidária; uma proposta de reflexão do modelo de trabalho capitalista e a busca de novas práticas não excludentes. Este estudo é um relato de experiência, de natureza qualitativa, que busca realizar uma reflexão sobre o papel das oficinas de geração de renda num CAPS III, localizado no município do Rio de Janeiro, no período de agosto a dezembro de 2019. A implementação da oficina de geração de renda mostrou-se de extrema importância, facilitando a experimentação de atividades que proporcionem alguma renda, treinando e desenvolvendo as potencialidades dos participantes, melhorando a autoestima e empoderando os sujeitos no processo de construção de autonomia.

Palavras chaves: Saúde Mental; Geração de Renda; Economia Solidária.

ABSTRACT

The psychiatric reform in Brazil, which broke out in the late 1970s, played an important role in changing the current psychiatric care model, whose focus, based on the 1934 legislation, was predominantly asylum and hospitalization of the mentally ill. The Psychosocial Care Centers (CAPS), devices of a territorial and community nature, arise from the psychiatric reform movement in an attempt to replace the hospital-centered model. CAPS III, one of its different modalities, works with a minimum team of 16 professionals with instruction between middle and higher level, night and weekend staff, with 24-hour operation, offering night service, short and contracted when necessary. It aims to offer therapeutic accompaniment through group and / or individual activities of socialization, income generation, artistic and expressive, seeking the rescue of citizenship and a social reinsertion of the subject in mental suffering. As workshops for generating work and income in the area of mental health, they emerge as instruments for social inclusion, incorporating principles and values of the Solidarity Economy; a proposal to reflect on the capitalist work model and the search for new non-exclusive practices. This study is an experience report, of a qualitative nature, which seeks to reflect on the role of income generation workshops in a CAPS III, located in the municipality of Rio de Janeiro, from August to December 2019. The implementation of income generation workshop stands out as extremely important, facilitating the experimentation of activities that provide some income, training and developing as potential of the participants, improving self-esteem and empowering the subjects in the process of building autonomy.

Key words: Mental Health; Income Generation; Solidarity economy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	OBJETIVOS	10
3	METODOLOGIA	11
4	MARCO TEÓRICO - Breve contextualização da geração de renda no contexto da Economia Solidária e a sua relação com a saúde mental	12
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO: Tecendo histórias em um CAPS III	18
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência foi possível a partir da minha vivência como estagiário em um Centro de Atenção Psicossocial III (CAPS III) do município do Rio de Janeiro (RJ). Através do diálogo com alguns usuários que se tratavam no serviço, observei que haviam queixas em comum relacionadas a dificuldades na realização de atividades que proporcionassem algum tipo de ganho financeiro. Diante disso foi possível, juntamente a outros estagiários de terapia ocupacional, que propuséssemos uma oficina na qual, além da produção de um objeto concreto que seria vendido posteriormente, pudéssemos dialogar sobre questões relacionadas ao trabalho, como medos, experiências e objetivos. Durante a realização da oficina, foi possível perceber que, enquanto uns se apropriavam mais da produção e do "fazer" em si, outros se beneficiavam apenas no estar em convivência, o que gerou em mim o desejo de aprofundar e pesquisar o tema, dando origem a esse trabalho de pesquisa.

O CAPS é um dispositivo de saúde mental, substitutivo às internações psiquiátricas, que busca atender pessoas em situação de sofrimento mental grave, sendo um serviço aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS). Seu principal objetivo é a reinserção do sujeito na sociedade, através da cultura, do trabalho, do acesso ao lazer e a cidadania, servindo como um potencializador e fortalecedor de laços do indivíduo com sua rede familiar e social. Os CAPS possuem em sua composição uma equipe multidisciplinar e oferecem atendimentos individuais e/ou em grupos, que funcionam através de um projeto terapêutico traçado individualmente com o assistido, levando em consideração sua história e sua subjetividade (BRASIL, 2004).

O CAPS III é um serviço que funciona 24 horas, diariamente e nos fins de semana (incluindo feriados), em municípios com uma população acima de 200 mil habitantes e oferece acolhimento noturno, proporcionando atenção integral e busca evitar a internação psiquiátrica do sujeito no momento de crise (BRASIL, 2011).

Dentre as diversas formas de atendimento e atividades, o CAPS promove oficinas e grupos de geração de renda, que são de extrema

importância no campo da saúde mental na busca de propor uma linha de fuga alternativa de enfrentamento às diversas dificuldades vivenciadas por pessoas com transtorno mental diante do mercado de trabalho formal (LUSSI et al.,2010).

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o processo de implementação de uma oficina de geração de renda num CAPS III no RJ e a sua importância no processo de reabilitação psicossocial dos sujeitos atendidos neste serviço. Através do diário de campo e das minhas percepções registradas durante as atividades da oficina em questão, foi possível estabelecer um diálogo entre teoria e prática que será expresso ao longo deste trabalho de conclusão de curso.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: introdução; metodologia; e um capítulo com o propósito de trazer referenciais teóricos para ampliar a discussão no trabalho, no qual será brevemente contextualizada a ideia de geração de renda no contexto da Economia Solidária e a sua relação com a saúde mental; um capítulo para a discussão intitulado: Tecendo histórias em um CAPS III, em que será abordado a minha experiência relacionando-a ao referencial teórico trazido no trabalho; e por último as considerações finais.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Refletir sobre o processo de implementação de uma oficina de geração de renda em um CAPS III, localizado no município do Rio de Janeiro.

2.2 Objetivos específicos

- Apresentar uma breve contextualização sobre a geração de trabalho e renda no contexto da Economia Solidária e relacionar com a saúde mental;
- Identificar o papel das oficinas de geração de renda em um CAPS;
- Refletir sobre a importância de uma oficina de geração de renda no tratamento dos usuários de um CAPS.

3 METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo, do tipo relato de experiência, que busca uma aproximação da prática com a teoria. Foi utilizado como instrumento de pesquisa o diário de campo, que segundo Roesse et al. (2006), é um instrumento que permite ao pesquisador registrar dados, reflexões e eventos que ocorreram em campo, contribuindo assim para o processo de investigação do objeto de pesquisa. Tendo caráter descritivo e analítico, o diário de campo possibilita que o pesquisador, em contato direto com o grupo, ao registrar as informações, reflita correlacionando sentimentos, impressões, ideias e palpites sobre a experiência vivida.

Os registros realizados no diário de campo foram possíveis a partir da experiência de estágio obrigatório para a graduação no curso de Terapia Ocupacional, localizado em um CAPS III do município do Rio de Janeiro, no qual pudemos discutir e elaborar um grupo de geração de renda que teve duração de 4 de novembro de 2019 até 2 de dezembro de 2019.

Para a construção do referencial teórico, foram feitas buscas nas bases de dados SCIELO, BVS e LILACS, no período de 02/12/2019 a 26/12/2020, utilizando das seguintes palavras-chave: saúde mental, geração de renda, economia solidária, oficina terapêutica.

4 MARCO TEÓRICO - Breve contextualização da geração de renda no contexto da economia solidária e a sua relação com a saúde mental

A partir da década de 70 como consequência ao avanço das políticas neoliberais e a crise do modelo fordista-taylorista, diversos mecanismos de proteção social como a Previdência e outros serviços públicos foram gradativamente se extinguindo. Naturalmente o aumento da pobreza e do desemprego gerou grandes prejuízos para a população, principalmente os mais pobres, que como forma de enfrentamento a essa situação organizaram uma série de iniciativas econômicas buscando a geração alternativa de trabalho e renda. Nesse contexto, é formada então a ideia de Economia Solidária, representando o esforço de pensadores e militantes, na tentativa de compreender e identificar meios de superação das consequências geradas pela sociedade capitalista (AZAMBUJA, 2009).

A Economia Solidária surge como uma proposta alternativa de geração de renda que segundo Gaiger (2011), é pautada fundamentalmente nos princípios de autogestão, cooperação e solidariedade. Esse modelo surge no Brasil a partir da década de 90, período marcado por uma forte crença que o desenvolvimento do país era sinônimo exclusivamente do seu desenvolvimento econômico, ou seja, o crescimento do PIB *per capita* geraria mudanças tanto para os ricos quanto para os pobres, que teriam maior possibilidade de acesso e consumo a bens materiais e imateriais. O fato é que dentro da lógica capitalista, a concentração da riqueza nas mãos de determinados grupos e a falta de acesso à renda de outros, apenas ampliou as desigualdades sociais (PITAGUARI, 2010).

A crise vivenciada e a escassez de empregos nesse período, fez com que muitas pessoas que não conseguiam se reinserir no mercado de trabalho após terem perdido seus empregos e até mesmo aqueles que trabalhavam em situação de informalidade, criassem movimentos cujo principal foco era a formação e criação de formas de trabalho alternativas ao modelo capitalista competitivo e excludente, uma organização pautada na autogestão, cooperação e solidariedade (FERRO et al., 2015).

A Economia Solidária é a resposta organizada à exclusão pelo mercado, da parte dos que não querem uma sociedade movida pela competição, da qual surgem incessantemente vitoriosos e derrotados. É, antes de qualquer coisa, uma opção ética, política e ideológica, que se torna prática quando os optantes encontramos de fato excluídos e juntos constroem empreendimentos produtivos, redes de troca, instituições financeiras, escolas, entidades representativas etc. que apontam para uma sociedade marcada pela solidariedade, da qual ninguém é excluído contra a vontade (SINGER, 2005, p. 11).

Definida como um sistema socioeconômico aberto, de caráter emancipatório e estruturada a partir de um mecanismo de democracia participativa, a Economia Solidária visa ampliar o acesso dos indivíduos a novas atividades geradoras de renda, a partir da mutualidade e reciprocidade, rompendo com a competição, com o individualismo e a hierarquia, presentes no modelo de trabalho capitalista. Logo, essa iniciativa propõe um modelo de desenvolvimento que atue integrando as esferas sociais, ambientais e culturais ao aprimoramento do próprio ser humano, proporcionando bem-estar individual e comunitário (PITAGUARI, 2010).

A Economia Solidária é uma criação em processo contínuo de trabalhadores em luta contra a lógica perversa do capitalismo dominante. Concentra-se na organização de trabalhadores em prol de projetos cooperativos, que vão desde unidades produtivas autogestionárias, ou pequenos produtores que se unem para comprar e vender em conjunto, a diferentes formas de agricultura familiar, redes de comércio justo, incubadoras de empresas, clubes de troca e de microcrédito; entre outras tantas experiências que têm em comum a geração de trabalho e renda de forma mais justa, solidária e sustentável, extinguindo desta forma a maximização do lucro como fim maior e substituindo a máxima: “quanto mais tenho, mais quero” por “o necessário, mas para todos” (Pitaguari, 2010, p. 3).

Para Singer (2000), o trabalho configurado no modelo de autogestão transpassa o objetivo principal de obtenção de lucro e renda, possuindo em si um potencial transformador ao indivíduo que é solicitado a incorporar seus valores ideológicos e pessoais a sua prática, construindo uma lógica de trabalho pautada na subjetividade individual e coletiva do grupo, fortalecendo o senso de cooperação e transversalidade no trabalho.

Para Paul Singer, a Economia Solidária ganha força no Brasil no final do século XX, diante do expressivo aumento de trabalhos informais como meio de geração de renda. Como uma estratégia alternativa ao sistema precário de

trabalho e ao quadro de desemprego, a Economia Solidária através da proposta da propriedade coletiva do capital e da participação democrática dos membros em todas as decisões, a Economia Solidária surge como uma resposta organizada ao processo de exclusão causada pelo mercado, por parte de todos aqueles que não querem uma sociedade movida pela competição, da qual surgem incessantemente vitoriosos e derrotados (SINGER, 2005).

No território Brasileiro, desde o início de 1990, a Economia Solidária vai ganhando destaque em sua busca por ampliar a produção de renda e por integrar a população mais excluída, como as pessoas com transtornos mentais. Diante disso ela é rapidamente absorvida como uma alternativa ao modelo capitalista vigente, tendo como foco o ser humano em si.

O campo da saúde mental, que tem como estratégias de cuidado a autonomia e cidadania dos sujeitos, buscou mais que depressa uma aproximação com a Economia Solidária. A partir de então, muitos projetos e trabalhos buscando geração de renda para essa população passaram a ser discutidos (OLIVEIRA; ZANIN., 2011).

As associações de usuários que se constituíram ao longo do processo da reforma psiquiátrica têm manifestado, em diversos momentos e ambientes, seu desejo de que projetos de trabalho, desenvolvidos em articulação com a rede de serviços, se tornem mais fortes, mais duradouros, e capazes de incluir um número maior de participantes. Assim foi na III Conferência Nacional de Saúde Mental, e nos diversos eventos e reuniões dos movimentos que apóiam a reforma psiquiátrica e a luta pela superação dos manicômios. No Congresso Brasileiro de CAPS, que reuniu 2 mil pessoas no ano passado, a conferência do Prof. Paul Singer sobre a Economia Solidária permitiu a todos perceberem as aproximações e pressupostos comuns entre aquela proposta e a da reforma psiquiátrica, gerando grandes expectativas de uma cooperação produtiva das duas políticas (Brasil, 2005, p. 9).

A união dessas duas políticas públicas é extremamente positiva e a partir dela foi proposta a construção de um suporte institucional de apoio e financiamento das iniciativas existentes como: cooperativas, oficinas e grupos de geração de renda, artesãos, etc. O debate da inclusão social pelo trabalho dialogou diretamente com as ideias preconizadas pela reforma psiquiátrica, cujo principal objetivo é alcançar a reabilitação psicossocial do sujeito, através

de novos modelos de tratamento em substituição ao modelo hospitalocêntrico (BRASIL, 2005).

O surgimento da ES (Economia Solidária) como um modo de produção alternativo ao capitalismo, conversa diretamente com a pauta da exclusão das pessoas com transtornos mentais do mercado de trabalho. As ações da Economia Solidária buscam favorecer a cidadania dos sujeitos, através da transformação das suas condições de "doentes mentais" em trabalhadores, tornando-os protagonistas na tomada de decisões e gestão não só do trabalho, mas também gestores de suas próprias vidas (SILVAI et al., 2007).

Diante da SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária), podemos entendê-la como um conjunto de práticas sociais e econômicas alternativas, pautadas na não exploração dos outros, na não competitividade entre os sujeitos e na responsabilidade no cuidado com o meio ambiente, organizada sob a forma de associações, cooperativas, empresas autogestionárias, entre outras que realizam atividades de produção de bens, finanças solidárias, trocas, prestação de serviços, consumo solidário e comércio justo (BRASIL, 2020).

Ao falarmos das políticas existentes a partir do diálogo entre a Economia Solidária e a saúde mental, é no ano de 2004 que o Ministério do Trabalho e Emprego e a SENAES discutem a elaboração de pautas para a construção de políticas públicas que garantam projetos de inclusão social pelo trabalho, criando posteriormente editais de apoio e financiamento para a criação de oficinas de geração de renda, inclusive no âmbito da saúde mental (RODRIGUES, et. al., 2015).

A inclusão social pelo trabalho possui um papel fundamental para a Rede de Atenção Psicossocial, conforme a portaria número 3.088 de 2011, que institui a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Esta portaria preconiza que um dos objetivos desta Rede seja a reabilitação e reinserção social dos usuários. A reabilitação, segundo esse documento, está diretamente relacionada às iniciativas de inclusão que ocorrem, também, através das atividades produtivas, cooperativas sociais e geração de renda. A inclusão social, por sua vez, é apontada como uma das diretrizes da RAPS, e possui

como objetivo o desenvolvimento da autonomia e exercício da cidadania do sujeito.

Ao falar de atenção psicossocial, os conceitos que a definem são muitos e diferem diante da perspectiva de cada autor. Para este trabalho, nos interessa a perspectiva trazida por Saraceno (1999), que afirma que o modelo de Reabilitação Psicossocial está pautado no resgate da cidadania e contratualidade do sujeito, em diferentes e complementares esferas como: a moradia, as redes relacionais e o trabalho, sendo o último fundamental no campo dos desejos, necessidades e interesses (SARACENO, 1999).

Os usuários que são acompanhados nos CAPS, ao darem entrada no serviço, participam do processo de construção do seu projeto terapêutico junto a equipe do serviço, podendo sugerir a participação em grupos e oficinas para além do tratamento medicamentoso. Segundo Farias et. al. (2015), práticas realizadas em grupos e oficinas possuem grandes benefícios terapêuticos potencializando através da interação e troca entre esses sujeitos, a produção de vida, tornando esses sujeitos mais protagonistas de suas histórias.

Segundo o Ministério da Saúde (2004): “[...] as oficinas são caracterizadas como atividades grupais destinadas à socialização familiar e social dos usuários, à expressão de sentimentos e emoções, ao desenvolvimento de habilidades, da autonomia e ao exercício da cidadania” (p. 23).

As oficinas de geração de renda realizadas no CAPS, demonstram ser um importante recurso de inclusão social, pois através do trabalho as pessoas em sofrimento mental experimentam novas possibilidades de transformação no seu papel social. Ao vivenciarem atividades de trabalho em grupo, a troca de vivências e as trocas afetivas viabilizam inclusive a ressignificação da própria ideia do trabalho, ampliando o seu sentido e o seu valor social (LUSSI e MORATO, 2012).

Esse tipo de oficina possui um importante aspecto terapêutico na vida do sujeito assistido, porém nessas oficinas a terapêutica é apenas uma das perspectivas de trabalho. Normalmente essas oficinas são um espaço

acolhedor para os usuários e familiares mesmo quando a geração de renda não é satisfatória, pois são dispositivos de discussão sobre a temática do trabalho que busca efetivamente a inclusão do indivíduo tanto na sociedade quanto no mercado de trabalho (COSTA E FIGUEIREDO, 2004).

Aranha (2002) afirma que o trabalho é um importante meio de intervenção no processo de reabilitação psicossocial dos usuários do CAPS, pois é através dele que os sujeitos podem recuperar conhecimentos, transformar o seu meio de acordo com suas necessidades, obter dinheiro que atribui valor monetário para sua produção, facilitando o sentimento de inclusão e a potencialização da capacidade do sujeito se reconhecer como capaz de protagonizar sua vida, modificando sua convivência no âmbito pessoal e familiar, afinal esse sujeito sai da condição de "doente improdutivo" para alguém que contribui na renda total.

Lancman (2007) afirma a importância do trabalho atuando como fomentador na construção da identidade individual, interferindo diretamente na rede relacional do sujeito e na sua inserção social. O trabalho estrutura o sentimento de pertencimento social, pois é na rotina que ocorrem trocas afetivas e a construção de vínculos.

No contexto da saúde mental, o trabalho, como uma ferramenta que promove a inclusão e a contratualidade social, deve se apoiar nos princípios da reforma psiquiátrica. Nesse viés, as atividades de geração de renda e trabalho contribuem de forma positiva para reabilitação psicossocial, pois possibilita cada vez mais a inserção de indivíduos com diferentes graus de habilidades e autonomia ao realizarem um ofício e serem pagos por isso (ALCÂNTARA, 2007).

Segundo Martins (2008), o trabalho é um meio de participação social no qual a obtenção de uma renda permite ao sujeito realizar trocas materiais, ou seja, o trabalho é remunerado com uma moeda troca concreta que amplia no sujeito em sofrimento psíquico a relação com a vida material em sociedade, viabilizando seu protagonismo e o seu direito de escolha como consumidor.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO: Tecendo histórias em um CAPS III

Este relato de experiência foi realizado a partir do estágio curricular em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS III) localizado na Zona Norte do estado do Rio de Janeiro. O CAPS III funciona 24 horas e possui diversas atividades como o acolhimento diário e noturno, atendimento clínico, atendimentos em grupo e aos familiares, programa de empregabilidade (atividades voltadas para a inclusão no mercado de trabalho), oficinas terapêuticas, visita domiciliar e matriciamentos.

Durante o estágio curricular pude acompanhar duas oficinas terapêuticas, que possuíam um público misto, sem um diagnóstico específico e que em sua maioria se alimentavam e passavam o dia no CAPS III. As atividades eram conduzidas pelaicineira, na presença de outros profissionais de áreas distintas (enfermeiros, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, etc) e estudantes que estavam realizando estágio na unidade. Os indivíduos que participavam dos grupos eram encaminhados pelo seu técnico de referência.

No decorrer do estágio a partir da participação em algumas oficinas e das atividades realizadas pela terapeuta ocupacional da unidade, que estava a frente do projeto de empregabilidade, responsável por divulgar vagas de emprego voltadas para pessoas com algum tipo de deficiência, treinar essas pessoas para o trabalho formal e empregá-las, senti interesse em realizar alguma oficina na qual pudéssemos gerar renda e discutir sobre o cotidiano relacionado a vida profissional. Diante disso, iniciamos uma oficina de geração de renda, chamada "fios", na qual o objetivo era tecermos em grupo tapetes e posteriormente vendê-los.

É importante ressaltar nesse relato que o CAPS III, por se localizar próximo a uma das maiores comunidades da cidade e por ser hoje o ponto de conflito entre duas facções rivais no Rio de Janeiro, é frequentado por sujeitos que cotidianamente sofrem com os estigmas e a violência local. Logo as discussões realizadas durante os encontros que ocorriam semanalmente e a possibilidade da construção coletiva de novas perspectivas, me inspiraram a escrever esse relato.

Ao longo do estágio no CAPS III, foi possível acompanhar casos clínicos de alguns usuários que se tratavam no serviço. Dentre as diversas queixas relacionadas ao processo de interrupção na vida e nas atividades cotidianas e, conseqüentemente ao estado de sofrimento psíquico, alguns manifestaram sua insatisfação sobre a dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho. Alguns dos usuários atendidos, inclusive, recebiam algum tipo de benefício assistencial. O fato é que a busca principal era desempenhar uma atividade que não só gerasse renda, mas também produzissem neles uma sensação de satisfação.

Diante disso foi possível construir um espaço no qual possuíamos apenas alguns fios de diferentes cores, algumas agulhas e muitas telas, nascendo a partir daí a oficina "fios". A proposta do grupo era a criação de um espaço coletivo no qual pudéssemos construir coletivamente um tapete enquanto discutíamos e tecíamos novas perspectivas para a vida e conseqüentemente a inserção em uma atividade geradora de renda.

Uma das dificuldades no processo de implementação era a captação e o vínculo de pessoas interessadas que compreendessem que a oficina tinha uma proposta de início, meio e fim, que no final venderíamos o tapete, dividiríamos a renda e faríamos um encerramento. No início pouco se produzia no que diz respeito a algo mais concreto e mais conversávamos sobre as principais questões sentimentais, na busca da criação de um vínculo com esses usuários.

Durante a estruturação da oficina de geração de renda "fios", decidimos iniciar as atividades no espaço de convivência dos usuários ao invés da sala de oficina, para que qualquer um que estivesse passando pudesse não só ver a confecção do tapete, mas também se sentar e conversar conosco acerca dos temas propostos na oficina.

A oficina não tinha um perfil específico, porém todos que estavam presentes tinham como elemento principal em suas falas algum processo de ruptura sofrido em suas vidas e atividades laborais como consequência ao processo de adoecimento psíquico. Dentre as mudanças observadas pelos próprios sujeitos do grupo, a sensação de exclusão social e a dificuldade de

reinserção em alguma atividade geradora de renda era um grande ponto de incômodo em seus processos de construção de autonomia.

Barros et. al., (2000) entende a exclusão social como um processo relacionado também a uma dificuldade gradativa de inserção no mercado de trabalho, fragilização social e a impossibilidade do exercício da cidadania, afirmando que é necessário a discussão de meios para que o sujeito possa construir o seu processo de autonomia e conseqüentemente protagonizar sua própria história.

Durante os encontros semanais foi possível discutirmos e identificarmos coletivamente as maiores dificuldades e potencialidades de cada sujeito diante das atividades de trabalho. Isso só foi possível pois um vínculo entre os profissionais e usuários pode ser estabelecido. É através da criação desse vínculo dos profissionais com o sujeito em tratamento que se torna possível uma escuta mais sensível, na qual podemos pontuar os principais pontos de vulnerabilidade e assim construirmos uma intervenção terapêutica específica para cada sujeito mesmo que em coletivo (SCHRANK, OLSCHOWSKY, 2008).

Dentre as diversas dificuldades na inserção no mercado de trabalho, o preconceito e a estigmatização da loucura foram fatores realmente desmotivadores para os usuários que buscavam um emprego. Entre os participantes do grupo, alguns abandonaram suas atividades profissionais por conta da exaustão de terem seu trabalho constantemente desqualificado e por vezes até mesmo sabotados para que não estivessem compartilhando o mesmo espaço profissional das pessoas ditas “normais”.

Mesmo com o objetivo de interação entre os usuários e a sociedade, esta ainda percebe o portador de sofrimento psíquico como alguém desacreditado, sujeito da desrazão. Nesse sentido, as mudanças no contexto da saúde mental não devem ocorrer somente nos modos de tratamentos das instituições, mas com toda a comunidade, implicando as pessoas nesse processo de acreditar nas potencialidades dos sujeitos (Paranhos-Passos & Aires, 2013, p. 11).

A reflexão levantada durante as discussões reiterou a importância de ações intersetoriais na busca da desconstrução de estigmas relacionados à loucura e ao trabalho, não só nos ambientes de trabalho em si, mas na

sociedade como um todo. Foi perceptível a falta de perspectiva de alguns sujeitos diante das constantes frustrações consequentes de tentativas anteriores de inserção no mercado de trabalho. A sensação de “não pertencimento” e de “incapacidade” era comum nos relatos.

Pensar em uma nova atividade de trabalho e renda significa pensar no processo de construção da subjetividade do sujeito, como diz Lancman (2004):

(...) o trabalho tem, ainda, uma função psíquica: é um dos grandes alicerces de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Processos como reconhecimento, gratificação, mobilização da inteligência, mais do que relacionadas à realização do trabalho, estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade.” (p. 29).

No início da oficina de geração de renda “fios” houve uma discussão com todos os membros para a organização da atividade. Questões como o valor de venda do produto final, a divisão do dinheiro e a possibilidade da criação de um cofre para realizarmos um passeio no final do ano foram levantadas. Observei a importância da tomada de decisões de forma coletiva e cooperativa na busca de trazer o sujeito a exercer um papel ativo e atuante no seu processo e no do grupo, como preconizado nas diretrizes da Economia Solidária, que segundo Castanheira e Pereira (2008) possui como características a coletivização dos meios de produção e da tomada de decisões, a democracia no momento da tomada de decisões não havendo hierarquias e a participação de todos os indivíduos pelos mesmos serem considerados sujeitos portadores de consciência crítica nos processos sociais, produtivos e econômicos.

Durante as atividades ficou notável a importância da cooperação coletiva para a construção do tapete. Trazíamos sempre a ideia de que o resultado final dependia de todos e que todos deveriam respeitar as dificuldades e potencialidades dos outros participantes. Um dos participantes tinha pouquíssima destreza manual para realizar a costura e se frustrava facilmente ao não conseguir executar a atividade. No começo pude perceber que sua participação se limitava a estar na mesa com a gente e apenas observar. Estar em grupo facilitou a sua identificação com os colegas, diante das dificuldades da sua vida laboral, todos puderam dar sugestões e até

mesmo exporem sobre suas condutas particulares diante dos momentos de dificuldade e desemprego.

Tal experiência deixou claro a importância do coletivo na oficina, pois esse espaço possibilita a comunicação e a troca entre os indivíduos, seja de afeto, dificuldades e potencialidades, auxiliando o sujeito não só a ampliar sua sensação de pertencimento, mas facilitando a elaboração e fortalecimento de sua identidade singular e grupal (LIEBMANN, 2000).

Para Saraceno (1996) o trabalho ao mesmo tempo em que é uma forma de sustento e subsistência, é um meio de auto realização, pois durante as atividades laborativas em todo momento há troca, tanto material quanto afetiva. Na vida adulta o trabalho assume grande importância na criação de redes relacionais, proporcionando a construção de vínculos. Diante disso, a oficina de geração de renda é um local também de experimentação, para que os sujeitos que nela estão inseridos possam através de uma atividade geradora de renda vivenciar a experiência do “trabalho”, que na presença do terapeuta, é livre para refletir e dialogar sobre quaisquer implicações que possam surgir.

Durante a oficina de "fios", ao longo da construção e discussão sobre a busca de novas perspectivas profissionais, me chamou atenção o relato pessoal de uma das usuárias que tinha interrompido suas atividades profissionais a pedido de seu companheiro, situação que, a longo prazo, gerou diversas questões relacionadas a sua autoestima e autonomia. O sentimento de depressão e solidão era recorrente em seu discurso. Ao longo das oficinas e dos atendimentos individuais realizados pela equipe que acompanhei, foi notável a melhora da auto estima e a forma com a qual ela gradativamente foi conseguindo se abrir em relação às suas angústias e medos, iniciando um processo de ressignificação de sua vida pessoal.

Enquanto tecíamos o tapete, dialogávamos sobre as atividades profissionais anteriores de todos, o que mais gostavam e o que gostariam de fazer futuramente. Nesse momento foi possível resgatarmos informações e situações riquíssimas dos seus históricos ocupacionais e pessoais, momento no qual uma das participantes da oficina afirmou que trabalhava com costura anteriormente e após as atividades das oficinas voltou a costurar para si em

sua residência. Lussi e Pereira (2014) afirmam que esse perfil de oficina de geração de renda gera um ambiente acolhedor e protegido, promovendo a recuperação dos desejos e da vontade de aprender, elevando também a auto estima do sujeito. Tal fato ficou evidenciado na própria fala de alguns dos sujeitos participantes que "não sabia que ainda conseguia fazer coisas tão bonitas".

No decorrer de um dos encontros pude observar que uma das usuárias trouxe as próprias agulhas para participar da oficina. Achei uma atitude muito simbólica, quando falamos sobre o processo de empoderamento dos sujeitos na oficina. Nesse encontro foi possível dialogarmos e iniciarmos um processo de ressignificação de algumas experiências passadas relacionadas a interrupção de sua vida profissional relacionados a traumas pessoais. Como no conto de Colasanti (2004), enquanto teciam o tapete, teciam também uma nova rede de possibilidades e ressignificações:

(...) sem descanso, tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo (COLASANTI, 2004).

O auto-reconhecimento dos participantes da oficina enquanto sujeitos produtivos, aptos a aprender novas habilidades ou até mesmo capazes de resgatar habilidades anteriores dentro de suas possibilidades e com isso desenvolverem atividades geradoras de renda, foram pontos de grande importância que pude observar ao longo das atividades. O fato é que ainda que a geração de renda seja o objetivo final, esses espaços são transformadores em vários aspectos na busca da reabilitação psicossocial do sujeito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas de geração de renda realizadas no CAPS são de extrema importância e constituem-se como um espaço de inclusão social, superação de desigualdades e aliado ao projeto terapêutico singular do usuário potencializa a busca da autonomia do sujeito, indo diretamente de encontro a proposta da reabilitação psicossocial (AGUIAR, 2017).

Singer (2008) acredita que o trabalho é uma forma de aprender, de amadurecer e de crescer, e a Economia Solidária uma forma de oferecer a todos os sujeitos, sem distinção a oportunidade de estarem em uma atividade de trabalho na qual todos tenham a mesma oportunidade de usufruir desse potencial transformador.

Diante das reflexões realizadas ao longo deste trabalho foi possível identificarmos o papel que as oficinas de geração de renda desempenham em um CAPS e a sua importância no processo de construção de autonomia dos usuários que se tratam no serviço. Nos relatos trazidos, pudemos perceber usuários que retomaram atividades de trabalho significativas para si, como uma usuária que voltou a costura.

O conjunto de ideias da Economia Solidária de um trabalho não competitivo, pautado na cooperação e na subjetividade do sujeito aliado a criação de oficinas de geração de renda e trabalho na rede de saúde mental é muito potente no processo da reabilitação psicossocial dos usuários. Fato que ficou evidenciado na fala de um dos sujeitos ao longo das oficinas, ao perceber que no emprego anterior não tinha nenhum tipo de assistência no local de trabalho, fator que dificultou a realização das tarefas e a interação com os outros colegas. Já dentro do CAPS III a experiência de produzir no seu próprio tempo, de forma cooperativa e coletiva facilitou a troca de afetos e saberes entre ele e os usuários.

Costa e Figueiredo (2004) afirmam que para além dos efeitos terapêuticos das oficinas de geração de trabalho e renda, como citado ao longo do trabalho, o aumento da autoestima e da autonomia dos usuários, esses espaços mesmo que gerem pouca renda a princípio, são fundamentais, pois

geram também nesses usuários uma mudança nas suas relações com os familiares e com a sociedade, ao longo que o sujeito é convocado a ser protagonista do processo de produção e também do destino final do que é criado ao longo das oficinas.

Segundo Amarante (2007) através da implementação de oficinas e projetos de geração de renda, o trabalho deixou de ser uma atividade exclusivamente terapêutica dentro das instituições e passou a ser uma potente ferramenta de emancipação do sujeito, construção da cidadania e também uma estratégia de inclusão social. Ainda nos relatos e reflexões trazidas neste trabalho, alguns usuários conseguiram elaborar e identificar dificuldades relacionadas à inserção no mercado de trabalho “formal”. Ao refletirmos em grupo sobre possibilidades e estratégias individuais de gerar renda para além do espaço da oficina, os usuários eram constantemente solicitados para participar e opinar como protagonistas dos seus próprios projetos profissionais.

Ao longo deste trabalho pudemos identificar, também, a importância do trabalho e das atividades laborativas na vida de cada sujeito e como a inserção dos mesmos no mercado de trabalho ainda é frequentemente atravessada por estigmas. Por isso, a implementação de espaços e oficinas de geração de trabalho e renda são de extrema importância dentro dos serviços, como espaços também de produção de autonomia e transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, D. A. Trabalho e saúde mental: a relação existente no cenário de um CAPS. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 5, n. 1, p.47-55, 2017.

ALCÂNTARA, L.C. **Economia solidária e oficinas de trabalho na saúde mental**. In: MERHY, E.E., AMARAL, H. A reforma psiquiátrica no cotidiano II. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; 2007. p.151-81.

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

ARANHA, A. L. et al. Projeto copiadora do CAPS Luis Cerqueira: do trabalho de reproduzir coisas à produção de vida. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. v. 36, n 4. p. 358-366. 2002.

AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. Os Valores da Economia Solidária. **Sociologias**. 2009, n.21, pp. 282-317.

BARROS, S.; ARANHA e SILVA, AL; OLIVEIRA, M.A.F. Inclusão social de pessoas com transtornos mentais severos e persistentes: um desafio pedagógico. **Cad IPUB**. 2000;6(19):171-80.

BRASIL Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Republicada em 21 de maio de 2013. **Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental, incluindo aquelas com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília, 2011. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html . Acesso em: 18 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento

de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental e Economia Solidária: inclusão social pelo trabalho.** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil.** Brasília, novembro de 2005.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **O que é Economia Solidária?** Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/o-que-e-economia-solidaria.html>.

Acesso em: 6 set. 2020.

CASTANHEIRA, M. E. M.; PEREIRA, J. R. Ação coletiva no âmbito da Economia Solidária e da autogestão. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 116-122, 2008.

COSTA, C. M. e FIGUEIREDO, A. C. **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania.** Rio de Janeiro: Contra Capa. 2004

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã.** São Paulo: Global, 2004.

FERRO, L. F.; LOUREIRO, Morgana Bardemaker ; CARDOSO, Mônica de Macedo. Economia Solidária, Saúde Mental e a prática do terapeuta ocupacional: relatos de participantes de um grupo de geração de trabalho e renda. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 23, p. 101-116, 2015.

GAIGER, L. I. A dimensão empreendedora da economia solidária: notas para um debate necessário. **Outra economia**, v. 2, n. 3, p. 58-72, 2011.

LANCMAN, Selma. 2004. **O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho.** In: **Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, Brasília: Ed. Paralelo 15.

LANCMAN, S. **Psicodinâmica do trabalho.** In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **Terapia ocupacional: fundamentação e prática.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 271-277.

LIEBMANN, M. **Exercícios de arte para grupos: um manual de temas, jogos e exercícios**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2000.

LUSSI, I. A. O.; MATSUKURA, T. S.; HAHN, M. S. Reabilitação psicossocial: oficinas de geração de renda no contexto da saúde mental. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 284-290, 2010.

LUSSI, I. A. D. O; MORATO, G. G. O significado do trabalho para usuários de serviços de saúde mental inseridos em projetos de geração de renda. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, V. 20, n. 3, p369- 380, 2012.

LUSSI, I. A. D. O; PEREIRA, M. A. O; PEREIRA, M. A. O. Concepções sobre trabalho elaboradas por usuários de saúde mental envolvidos em projetos de inserção laboral. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, p.208-215, 2014.

MARTINS, R.C.A. **Saúde mental e Economia Solidária**: construção democrática e participativa de políticas públicas de inclusão social e econômica. In: CORTEGOSO, A.L.; LUCAS, M.G. (organizadores). **Psicologia e Economia Solidária**: interfaces e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2008. p.245-62

OLIVEIRA, M. C. S. B & ZANIN, M. Economia Solidária: Uma temática em evolução nas dissertações e teses brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências, Tecnologia e Sociedade**, v.2, n.1, p.181-193, jan/jun, 2011.

PARANHOS-PASSOS, Fernanda; AIRES, Suely. Reinserção social de portadores de sofrimento psíquico: o olhar de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. **Physis [online]**. 2013, vol.23, n.1, pp.13-31.

PITAGUARI, S. O.; CÂMARA, M. R. G. (2010). **As motivações e desafios para a consolidação da Economia Solidária**. In: BORINELLI, B.; SANTOS, L. M. L.; PITAGUARI, S. O. (Org.). **Economia solidária em Londrina**: aspectos conceituais e a experiência institucional. (pp. 07-30). Londrina: Midiograf.

Portaria n. 3.088, de 23 de dezembro de 2011. (2011). **Institui a Rede de Atenção Psicossocial**. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Recuperado de:

<https://goo.gl/GYB5t8>

RODRIGUES, K.L.; PINHO, L.P. **Limites e desafios para inclusão social pelo trabalho na saúde mental.** In: RAZZOUK, D.; ARANHA, M.G.L.; CORDEIRO, Q., organizadores. **Saúde Mental e trabalho.** São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo; 2015. p. 215-226

ROESE, A. et al. Diário de campo: construção e utilização em pesquisas científicas. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Vol. 5, No. 3., 2006.

SARACENO, B. **Reabilitação psicossocial:** uma estratégia para a passagem do milênio. In: PITTA, A. M. F. (Org.). *Reabilitação psicossocial no Brasil.* São Paulo: Hucitec, 1996. p. 13-18.

SARACENO, B. **Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível.** Rio de Janeiro: Te Corá/Instituto Franco Basaglia, 1999.

SCHRANK, Guisela; OLSCHOWSKY, Agnes. O centro de Atenção Psicossocial e as estratégias para inserção da família. **Rev. esc. enferm. USP [online].** 2008, vol.42, n.1, pp.127-134.

SILVA, E. P.; OLIVEIRA, T. M.; BERTANI, I. F. **Saúde mental e Economia Solidária: uma relação em construção.** In: Anais do V Encontro Internacional de Economia Solidária: O Discurso e a Prática da Economia Solidária. São Paulo: NESOL, 2007.

SINGER, P.; SOUZA, A. R. **A Economia Solidária no Brasil: A autogestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, P. **Economia Solidária e saúde mental.** In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental e Economia Solidária: inclusão social pelo trabalho.** Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2005.